

Diário de Notícias
6-10-979

Por favor não esquecer de dar um mimo de amor a minha mãe e a minha filha. Muito obrigado.

Uma honra para mim
vir nesta
paixão

Essa
sublime
arte
é
muito
preciosa

Fernando Frias o teatro como saudade

Depois de uma carreira longa e exemplar, Fernando Frias espera ainda uma reforma condigna. Actor e cenógrafo da antiga Companhia Rafael de Oliveira, fala-nos de um tempo que passou e do futuro incerto que aguarda os homens de teatro

Francisco Belard

Valerá a pena dedicar uma vida inteira ao teatro, percorrendo o País com um repertório de quarenta peças, participando mesmo em espectáculos de beneficência, para, depois de uma carreira digna e aplaudida, ser abandonado no desemprego e na doença? Eis o que nos ocorre perante o caso de Fernando Frias, da antiga Companhia Rafael de Oliveira, que a doença incapacitou para o palco e sobrevive através de uma pensão irrisória e de uma actividade de recurso — pintar quadros. Ouvimos este actor, cenógrafo e encenador, que o grande publico conheceu no Teatro Desmontável, para sabermos como é possível a injustiça de situações como a sua. Situações que devem ser revistas, para que os artistas profissionais alcancem a segurança e o bem-estar que o seu trabalho fez merecer. E não se vejam um dia obrigados, como o actor Fernando Frias, a pedir, quase como uma esmola: «Compreme um quadro a óleo!».

Depois do êxito dos palcos, durante mais de quarenta anos, em Portugal, nas ex-colónias e no estrangeiro junto dos emigrantes, Fernando Frias viria a ser atingido por dois azares imprevisíveis: a doença, que começou com as lesões sofridas num acidente de viação em Luanda, e a rigidez de uma lei que só conheceu tarde de mais. Habitados ás mais insólitas histórias do «Reino da Estupidez», não nos surpreende o que ele nos conta:

«Na minha Caixa de Previdência, a empregada mostrou-me a legislação mais estúpida, com certeza, de todo o mundo: se estivesse desempregado há um ano, ainda tinha direito a um subsídio de desemprego, mas como está desempregado há três anos, não tem direito a subsídio nem a coisa nenhuma.»

Correu todas as caixas de pensões e previdência, as repartições que concedem reformas: ouvia sempre a mesma resposta — «Se tivesse pedido



Depois do teatro profissional, am ador de pintura para sobreviver

(Foto «DN» — Eduardo Tomé)

há um ano...». Assim, um prazo burocrático de uns quantos meses pesa mais, na balança da justiça social que nos rege, do que décadas de consciência profissional, ao serviço da cultura — não esqueçamos que milhares de pessoas, vivenda na provincia, só viram teatro graças á companhia ambulante de Rafael de Oliveira, com o seu barracão desmontável. E muitos ainda hoje perguntam o que aconteceu a estes actores.

O que aconteceu, em grande parte dos casos, foi isto. A companhia não pôde sobreviver muito tempo á morte do seu fundador; as circunstâncias eram outras, os custos de deslocação e alojamento tinham subido, surgira a televisão... Fernando Frias, se não fora a doença — que não lhe permite estar de pé muito tempo —, poderia ter conti-

nuado. Fizeram-lhe várias propostas de trabalho no teatro, que não pôde aceitar. E mesmo para uma intervenção no filme de José Álvaro Morais «O Robo», num papel em que deveria a certa altura montar a cavalo...

E' certo que nem todos esqueceram o passado deste trabalhador do teatro e a amplitude dos serviços que a sua companhia prestou ao nosso povo, sem alardes mas com uma presença continuada, integrando-se na vida das povoações que durante meses acolhiam os artistas. Fernando Frias cita-nos os nomes de Vasco da Gama Fernandes, Luís Francisco Rebelo, Tomás Ribas, Raul Solnado, Bernardo Santareno, Romeu Correia, Rogério Paulo e outros, entre aqueles que se têm interessado pelo seu caso, inclusivamente fazendo referências abonató-

rias do seu mérito profissional. Transcrevemos as palavras de Rogério Paulo:

Quando não se falava de descentralização

«Quando ainda se não falava de descentralização teatral, quando populações inteiras da provincia não tinham acesso a qualquer forma de teatro profissional — ainda não existia televisão —, quando a palavra teatro não era mais, para essas gentes perdidas nas serranias longe da capital, do que um vago mito, já tu andavas de terra em terra a levar-lhes um pouco de fantasia, de vida, de alegria, de recreação, de arte». E prosseguiu o mesmo actor e encenador:

«Quarenta e seis anos de actor tornam-te credor de uma enorme dívida. Dívida que deverá e terá de ser paga pela sociedade a quem com tanto amor serviste.»

E Bernardo Santareno, em carta ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Espectáculo, escrevia: «Fernando Frias foi, certamente, o maior actor revelado pela célebre Companhia Rafael de Oliveira. (...) Trabalhou incansavelmente, e nas condições mais duras, em todo o Portugal (incluindo Madeira e Açores), em Angola, em França, em Espanha, no Canadá e nos Estados Unidos. Fez todos os géneros: tragédia, drama, alta comédia, farsa e revista». Evocava em seguida aquele dramaturgo algumas das personagens incarnadas por Frias, como o mendigo de «Deus lhe Pague», o frade de «Frei Luis de Sousa», o Príncipe de Condé de «Israel» ou o cônego de «A Traição do Padre Martinho».

Poderíamos prolongar indefinidamente depoimentos de teor semelhante, vindos não só de figuras marcantes do nosso meio teatral como do grande publico anónimo. Mas o essencial ficou já dito. Esse movimento de solidariedade contribuiu para que Fernando Frias, actor desde os seis anos de idade, pudesse passar á situação de reforma — uma reforma modesta e insuficiente, que o levou a tentar a pintura (em que se iniciara como autor de cenários para o teatro, trabalho que deixou marcas no traço e na cor dos seus óleos). Já anteriormente o actor pintara quadros, que oferecia aos amigos. Hoje, procura vendê-los, e diversas Camaras Municipais — como as de Aveiro, Faro, Chamusca e Cartaxo (sua terra natal) lhe têm encomendado quadros. Muitos desses municípios, se não todos, correspondem a áreas em que a passagem do Teatro Desmontável deixou recordações, e em alguns desses lugares não voltou a ver-se teatro. A acção cultural e beneficente da Companhia Ra-

fael de Oliveira chegou a ser distinguida por louvores exarados em actas de diversas camaras municipais.

O fim de uma tradição

Fundada em 1918, essa companhia era «decana» do género na Península Ibérica, e foi a ultima companhia portuguesa de teatro ambulante. Quando acabou, em 1976, encerrou-se entre nós uma tradição vinda da Antiguidade.

Tendo por nucleo duas familias de actores, os Oliveiras e os Frias, o agrupamento incluiu, como convidados, outros profissionais bem conhecidos, como foi o caso, na sua ultima digressão em Angola, de Ribeirinho, Canto e Castro, Rui de Carvalho e Tomás de Macedo.

Em sua casa, Fernando Frias fala-nos dessa longa memória, que não é só dele, mas que nele é também uma herança de familia. Os seus pais são actores, e já o avô o fora. Fala das manifestações de apreço recebidas por toda a parte, da critica que lhe foi sempre favorável. Não sentimos nele o menor ressentimento, e a própria saudade assume uma expressão discreta. A mãe, Geny Frias — sessenta anos de teatro — recebe uma modesta pensão de reforma, que começou por ser de mil e seiscentos escudos — só sendo elevada mediante uma declaração de mérito artistico, que raramente é concedida, e ela obteve. Mostram-nos velhas fotografias e programas, marcos de uma viagem do teatro e pelo teatro. Villaret disse-lhes uma vez, no palco: «Só tenho pena de não poder estar a representar com vocês».

Deixamos Fernando Frias, um homem que não perdeu o ânimo e pede apenas o que seria justo. Pinta quadros e almofadas e vai ao teatro sempre que lhe é possível. «Meu Deus, a vida passou tão depressa», diz. Mas ele sabe que a vida permanece. E também o teatro.

H
qu
ses
cã
err
pe
é
do
no
de
est
a
tar
ap
rej
me
edi
fus
ari
pri
vez
qu
ba
gri
du
ari
ins
po
Tu
me
pe
fut
po
no
cri
Nã
sat
cié
na
cav
dit
Já
fic
bli
tol
a
die
ún
de,
col
O
du
ate
cor
7.
e
edi
orc
ma
re
fer
ap
pet
sic
187
ten
me
de
col
Ma
Qu